

Itinerários de Filosofia da Educação

REVISTA N.º 11 | 2.º SEMESTRE 2012



*Para uma filosofia da educação
de matriz portuguesa: o contributo
de Mário Gonçalves Viana
(1900-1977)*

Artur Manso

Resumo

Este trabalho propõe-se analisar a vertente da filosofia da educação do ensaio de Mário Gonçalves Viana (1900-1977) intitulado *Pedagogia, humanismo e filosofia da educação. Ensaio antropto-psico-sociológico*, com data de 1967.

Ao longo do mesmo podemos constatar que em Portugal, como no resto do mundo culto, nos anos de 1960, já havia uma preocupação de pensar os fundamentos filosóficos da educação em plena sintonia com a evolução histórica e as novas exigências da sociedade, cada vez mais rendida ao especialismo, ao cientismo, à massificação da educação e às profundas modificações da família oriundas dos novos papéis da criança e da mulher no seio da sociedade.

Palavras-chave

Ensino, escola, Portugal, filosofia da educação

Abstract

This paper presents an interpretation of an essay of Mário Gonçalves Viana (1900-1977) entitled *Pedagogia, humanismo e filosofia da educação. Ensaio antropto-psico-sociológico*.

Portugal in 1960s witnessed the aim of thinking the philosophical foundations of education in full harmony with the historical progress and the requirements of a society becoming increasingly conquered by specialism, scientism, massification of education and by the profound changes in the heart of the family as result from the new roles of children and women within the society.

Keywords

Education, school, Portugal, philosophy of education

1. Mário Gonçalves Viana (1900-1977) licenciou-se em Direito em 1923, tendo leccionado a partir de 1936 a disciplina de Português em Viana do Castelo, Esposende e Porto, antes de, em 1944, ser nomeado professor do Instituto Nacional de Educação Física, onde teve a seu cargo as cadeiras de Pedagogia Geral, História da Educação Física, Psicologia Geral e Aplicada, entre outras.

Em 1967 publicou o ensaio que intitulou *Pedagogia, humanismo e filosofia da educação. Ensaio antro-po-psico-sociológico* onde, ao longo de 86 páginas, trata a problemática educativa sob um olhar histórico-filosófico.

A disciplina de Filosofia da Educação só ganhou verdadeiro estatuto epistemológico durante os anos de 1960, mas antes dessa data já havia diversos trabalhos, de autores portugueses e não só, que relevavam a importância da filosofia no campo da educação. Com este estudo poderemos, assim, conferir que o atraso na investigação educativa em Portugal não se deve à nossa característica indolência, mas sim ao sistemático esquecimento a que são votadas as obras daqueles que, entre nós, trataram as questões educativas sob os mais variados aspectos. Talvez os teóricos da educação não tenham abundado entre nós, mas também é certo que hoje em dia a obra que nos legaram, continua a ser pouco conhecida e estudada. Este trabalho é, por isso, a continuação do meu labor em torno de uma matriz para a educação portuguesa, dando a conhecer autores e ideias que no momento em que foram divulgadas se encontravam em sintonia com a investigação mais avançada no campo educativo que se ia fazendo no mundo de matriz ocidental.

2. Mário Gonçalves Viana intitula a primeira parte do seu ensaio de *A educação e a problemática*, começando logo por esclarecer que «A educação é um problema tão antigo como a própria humanidade» (Viana, 1967: 11), caracterizando-se por ser essencialmente «um fenómeno evolutivo, dependente do tempo e do espaço» (ib.: 11).

Desta forma, embora o autor não desconsidere o poder da reprodução que caracteriza a educação, acha que o evoluir das sociedades e dos povos, catapulta o problema educativo para uma visão cada vez mais social, onde a preocupação pela compreensão do indivíduo na sua totalidade – interior e exterior – tem lugar de destaque: «A educação é o eco e o reflexo da vida económico-social, em cada época e em cada povo; é um fenómeno gregário que

surge e evolui com a sociedade, como resultado de um “nexo de convivência”» (ib.: 12-13).

A educação enquanto sistema de ensino e aprendizagem mais ou menos organizado teve uma grande evolução no século XX, quando as sociedades mais evoluídas se complexificaram e viram estruturar-se uma multiplicidade de saberes que originaram o especialismo que hoje caracteriza os povos ocidentais.

Até ao século XX, encarar a educação do ponto de vista da filosofia, era um exercício raro e restringido à necessidade de situar o ensino e a educação numa corrente evolutiva que servisse os interesses dos saberes clássicos que se encontravam instituídos. O evolucionismo positivista ao enfatizar o quantitativo que se pode mensurar e ao *desprezar* os aspectos mais metafísicos e especulativos do conhecimento, veio abrir caminho a uma renovada e acérrima reflexão sobre as ciências, onde o aspecto filosófico marcou presença constante, mesmo quando não era desejado. Desse olhar atento da filosofia sobre a legitimidade dos saberes, nasce, com a evolução pedagógica, um novo campo da sua especulação epistemológica que se irá solidificar com o passar do tempo. Olhar apenas e só para os dados da natureza e a partir deles construir um sistema existencial válido é, como se veio a mostrar, uma tarefa impossível. Mesmo do ponto de vista mais pragmático, Rousseau, um dos «pais» da pedagogia moderna já tinha alertado que por muitas coisas que o homem saiba, muitas mais serão aquelas que continuará a ignorar. Desta forma enfatizava-se que a essência das coisas vai muito para lá daquilo que aparece e que aquilo que se mostra, quase sempre é relativo ao ponto de vista do espectador. Qualquer ciência que se preze não pode assentar a sua construção em bases puramente empíricas.

Foi preciso entrar no século XX, ver surgir uma panóplia de *novas ciências* para que a *ciência da educação* comesse a ganhar forma. Epistemologicamente, contudo, a educação não é uma ciência pois a reflexão a que dá origem não pode prescindir do contributo de todas as ciências que ajudam a sua reflexão. É nesta perspectiva que a Filosofia da Educação, ou seja, a reflexão filosófica no campo da educação se impõe.

Como Gonçalves Viana nos diz, considerada no tempo, a educação é um fenómeno bivalente pois por um lado «*dirige-se para o pretérito*, porque educar é: dar um passado, transmitir a lição da experiência transacta e

[...] fixar hábitos» (ib.: 13) e por outro «*dirige-se para o futuro*, porque educar é: preparar para o porvir, prever as necessidades futuras, as aspirações novas e os novos ideias de vida, estimulando o espírito inovador e criador das gerações imaturas» (ib.: 13). Desta forma impõe-se que a educação, em cada tempo e lugar, seja capaz de fundir a tradição com a inovação, contribuindo de forma decisiva para que os indivíduos entendam a sua história e se situem no seu tempo.

A esta visão mais ontológica sobre o sentido da educação, Gonçalves Viana junta aquela que a associa ao processo formativo dos indivíduos, denotando, também, neste aspecto mais prático, uma ambivalência: «*Quando se dirige para o eu individual, a educação é um PROCESSO PSICOLÓGICO*, através do qual se pretende a “elevação pessoal” do educando» (ib.: 14), enquanto que «*Quando se dirige para o eu colectivo, a educação é um PROCESSO SOCIAL*, através do qual se pretende a “integração social” do educando» (ib.: 15).

Por natureza o homem, todo o homem, revela uma *insociável sociabilidade*, isto é, como indivíduos nascemos com determinadas características que nos diferenciam de qualquer outro, mas só por nós nada poderemos vir a ser. O indivíduo só o será enquanto inserido numa sociedade e cultura. A educação busca, portanto, fazer de cada um o melhor possível e inseri-lo harmonicamente na sociedade e na cultura em que aparece e se desenvolve. A educação surge assim como o *justo meio* que concilia os interesses individuais com as restrições sociais.

Após estas constatações, Mário Gonçalves Viana conclui na linha da filosofia da educação: «cada sociedade cria, em cada época, uma filosofia própria e um tipo ideal de homem, que a escola tende, naturalmente, a realizar com mais ou menos eficiência, conforme os valores humanos e os meios económicos ao seu dispor» (ib.: 16). Se na Grécia encontramos como ideal de homem a formar o *homem político*, no Império Romano aparece-nos o *homem guerreiro*, na Idade Média o *homem religioso* e por aí fora até aos dias de hoje cujo principal objectivo da educação parece ser formar o *homem hedonista e consumista*. A educação em cada tempo tem ainda de contar com o acérrimo conflito de gerações que na mesma época e idêntico espaço sócio-cultural, causa permanentes desentendimentos sobre as normas, os valores, os padrões, que compete à educação harmonizar e universalizar.

À Filosofia da Educação também não é alheia a evolução que a

família tem sofrido ao longo dos tempos e que no século XX conheceu as mais variadas vicissitudes que implicaram de forma extraordinária com a organização escolar, obrigando a escola a adaptar-se às novas realidades. A educação cada vez tem por mais tempo o carácter de obrigatoriedade e a parte substancial da responsabilidade familiar na educação dos mais novos, nomeadamente no que respeita a valores e moral, passou a ser competência da escola, predominando, assim, nos comportamentos e atitudes as apreciações que os diversos governos têm sobre os indivíduos e a sociedade, reflectindo-se essa postura na assunção dos valores e das normas morais de cada um.

A escola a pouco e pouco, por nítida pressão das sociedades e suas evoluções, passou a ser simultaneamente educadora e formadora: educadora porque transmite valores, normas morais e determinados padrões de cultura; formadora porque prepara os indivíduos para a vida activa, tentando desenvolver a vocação de cada um de maneira a torná-lo um funcionário útil à sociedade em que escolher viver.

A filosofia na educação nunca poderá unificar o que quer que seja. A sua função é a de esclarecer as diferenças entre as culturas, compreender os vários interesses em jogo num plano de complementaridade, respeitar o diferente e o divergente, sem nunca perder de vista a humanidade que lhe compete defender, seja qual for o caso, seja quais forem as consequências. A humanidade é o plano que nos torna verdadeiramente iguais para além das religiões, sistemas político-económicos e demais circunstancialismos. A Filosofia da Educação reflecte sobre o que é tendo sempre por fim o que deve ser.

A harmonização do homem pela educação é uma prerrogativa da Filosofia enquanto disciplina que auxilia a educação. Ela será um poderoso instrumento para que o homem moderno que «oscila entre a neurose, a apatia ou a revolta» (ib.: 33) se possa encontrar consigo mesmo e perceba qual o seu verdadeiro lugar na sociedade.

Ante tantos conflitos e a coabitação dos mais díspares pontos de vista, compete à filosofia ajudar a educação a «organizar e disciplinar as várias forças operantes e actantes, para as hierarquizar» (ib.: 40). Ou seja, nas várias fases da vida e nas diferentes imposições da sociedade, nem tudo tem igual valor. As acções produzem consequências e as mesmas são da responsabilidade do agente. Não podemos culpar os outros, nem individual nem colectivamente, pelos nossos actos individuais e pelas nossas omissões.

Só pela educação filosófica se melhorará o homem «levando-o a obedecer, espontaneamente, a princípios éticos e justos» (ib.: 43) e se falhar esta obrigação não se poderá melhorar a sociedade: «só reequilibrando, tranquilizando e estabilizando o homem, será possível criar um novo equilíbrio social» (ib.: 43). Para tal é então necessário que a educação crie «princípios filosóficos e ideias capazes de galvanizarem os homens e de dignificarem a sua conduta» (ib.: 43). Só pela filosofia a educação poderá «restituir, ao homem, a sua indispensável unidade ética e consciência da dignidade humana» (ib.: 44).

3. A segunda parte do seu ensaio, Mário G. Viana intitula-o *A escola e a sua actual problemática*.

Depois de, na primeira parte ter tratado das questões fundamentais que se põem à reflexão educativa, inquirições acerca do indivíduo, da sociedade e da cultura, fundamentalmente, matérias que essencialmente abordam o que deve ser e não aquilo que é e parece ser, Gonçalves Viana está agora em condições de reflectir as preocupações educativas do seu tempo.

Uma das tarefas dos sistemas educativos é ajudar a formar o indivíduo/homem para responder aos ideais do seu tempo que vão sendo definidos pela pressão dos respectivos progressos sociais, culturais e científicos.

A reflexão já feita, dá, então, ao seu autor a solidez suficiente para uma análise sobre a educação uma vez que «Desde a Grécia, com passagem pela Idade Média, que a escola, considerada etimologicamente, aparece como um *centro de educação e formação de cidadãos*» (ib.: 51).

Desta forma resulta que o que se passa na escola tem uma implicação directa na sociedade. A escola é uma instituição da sociedade ao serviço do homem, também porque «o pedagogo [...] antes de o ser, é homem [...] concebe, sucessivamente, novos ideais educativos e formula [...] novos métodos didácticos» (ib.: 51).

O teórico da educação ao ler os sinais do tempo, com um sólido conhecimento do passado, dos valores e das normas enraizados nas sociedades e culturas, com a justa ambição de querer sempre mais e melhor que caracteriza a vida de cada um, com o conhecimento sólido das diversas ciências que promovem a evolução das sociedades, constrói os modelos teóricos que melhor servem os indivíduos dentro da sua situação: «À medida que mudam os arquétipos de cada período histórico, os doutrinadores da educação

vão procurando ajustar a escola às necessidades circunstanciais do Mundo do seu tempo» (ib.: 51).

Desde a educação oral que caracterizava as sociedades arcaicas, até à educação altamente científica e tecnológica que hoje vigora, desde a transmissão pelos mais velhos de cada comunidade até à alta especialização dos professores de hoje em dia, desde o saber enciclopédico ao saber parcelar e orientado para uma dada área, desde uma escola assente em valores universais até uma organização escolar pragmática e utilitarista, pretensamente mais democrata e tolerante, muitas são as perdas e os ganhos no campo da pedagogia.

Foi o especialismo que levou à formação de professores, como também levou à especialização de outras profissões como a medicina e as ciências naturais e humanas. A passagem do *mundo fechado ao universo infinito*, o novo estatuto da criança e do indivíduo, a maior universalização dos valores tidos como democráticos, obrigaram a pedagogia a assumir um papel de charneira nas sociedades modernas. Com mudanças tão acentuadas nas sociedades e culturas «nem sempre a pedagogia e a educação têm conseguido acompanhá-las» (ib.: 53).

À época Gonçalves Viana considera que, na pedagogia, eram duas as correntes que disputavam a primazia: o humanismo pedagógico e o pragmatismo pedagógico, o primeiro «representa a tradição; é portanto, de orientação retrospectiva. Defende, ele, o conceito de escola informativa, programada no sentido quantitativo» (ib.: 54); o segundo «representa uma orientação, activa, projectiva e operacional. E que se desdobra em dois ramos: pragmatismo liberal e pragmatismo socialista, ambos em estado de crise» (ib.: 55).

O nosso pedagogo tenta pôr a pedagogia simultaneamente ao serviço da sociedade e ao serviço do indivíduo. Para si, que tanto considera a visão clássica da sociedade e da cultura, mesmo que o humanismo pedagógico privilegie a transmissão do conhecimento, a quantidade, também traça uma ideia de indivíduo uno e indivisível, simultaneamente sujeito de direitos e deveres e com uma responsabilidade acrescida na sociedade a que pertence, em que o conhecimento adquirido lhe aumenta a responsabilidade social. Desta forma, embora reconheça virtudes no pragmatismo pedagógico, jamais aceitará privilegiar um sistema de educação que só se interesse pela qualidade do conhecimento, pelo especialismo utilitarista, que promove em cada um a ideia de que é «a medida de todas as coisas».

Sem o conhecimento do passado e a aquisição do saber sobre o mesmo como poderá alguém compreender o presente e actuar de forma consensual sobre ele? É difícil de compreender que a qualidade educativa introduza um especialismo limitado à resposta imediata a um problema concreto que o especialista desse saber elabora. Com o pragmatismo pedagógico há como que a substituição do homem informado pelo homem conformado; conformado à eficácia e ao saber fazer, sem conhecer as causas do que faz e os propósitos da sua acção. E dessa dificuldade Gonçalves Viana deixa-nos nota quando afirma: «um tal pragmatismo, seja ele qual for, não é suficiente para resolver o problema educativo: não basta compreender para educar; importa também [...] atribuir à educação um ideal e uma directriz» (ib.: 56).

Apesar de todo o especialismo e, admitamo-lo, da sua utilidade nas sociedades cada vez mais complexas «A escola não pode limitar-se a criar homens práticos e de acção; tem de criar, também, homens responsáveis, nos planos ético e humano» (ib.: 56). Sem a reflexão filosófica dificilmente este desiderato poderá ser alcançado. É essa a lição que colhe quem reflecte a evolução das sociedades e o papel da educação no seu seio. Para Gonçalves Viana «o mito do especialismo foi ultrapassado, como já o havia sido o mito do enciclopedismo:

«o homem do nosso tempo precisa de aliar o saber geral ao saber especial; nenhum destes dois elementos pode ou deve ser excluído» (ib.: 56-57).

Eis uma das dificuldades de quem pensa a educação. Ou por falta de informação, ou por excesso de ideologia, tende-se cada vez mais a pensar a pedagogia com uma finalidade essencialmente pragmática: educar para a especialidade dentro de uma sociedade democrata. Só que não há maneira de educar apenas para a especialidade, esta apenas exige formação e a educação vai muito além disso.

Mário Gonçalves Viana analisa o seu tempo e reconhece que muitos e novos são os desafios da educação, entre eles «a educação para os tempos livres do homem futuro» (ib.: 57). Entre nós falar dos tempos livres numa altura de muito e pesado trabalho, seria pouco comum. Mas quem reflecte a realidade a partir da situação em que vive, com um bom conhecimento do passado, perscruta mais facilmente alguns dos desafios que futuro nos trará:

«Mais do que nunca – nesta época esbanjadora – há que difundir, entre as massas, os princípios basilares do consumo honesto dos vários valores da vida e da fixação de hábitos de economia de esforços e de bens» (ib.: 58). Em plena crise poderemos, então, dizer que se os decisores políticos tivessem adaptado os sistemas educativos de acordo com as melhores ideias filosóficas, a crise poderia na mesma ter acontecido, mas os indivíduos e as sociedades, estariam melhor preparados para as enfrentar e lhes sobreviver....

Outra ideia importante que Gonçalves Viana avança no seu ensaio é o facto de ser necessário pensar «não apenas em escolas isoladas, do tipo tradicional, mas em “complexos de educação”, susceptíveis de abarcarem as gerações imaturas, em todos os níveis da sua escolaridade e em todas as expressões da sua vida» (ib.: 58). Hoje em dia, tantos anos passados, os Centros Educativos, por estas ou por outras razões, tornaram-se entre nós, uma efectiva realidade. Faltará, porventura, na discussão actual, sopesar o valor filosófico de tais medidas, exercício de que Gonçalves Viana não abdicava: «Tudo isto será, porém, insuficiente, se não houver o cuidado de fixar, para as gerações novas, ideias superiores, positivas e honestas, capazes de estruturarem um arquétipo sugestivo, “plasmador” do homem que mais convém, ao Mundo, nesta hora de crise» (ib.: 60).

Uma educação sem princípios e sem valores, com o objectivo único de transmitir a herança cultural e formar um bom profissional, fará de cada indivíduo um ser amorfo e incapaz de pensar pela própria cabeça, altamente permeável aos “bem falantes” e charlatães de toda a espécie. Se pensarmos que nas sociedades democráticas estas características de homem são as que mais abundam entre a comunidade dos políticos, facilmente se percebe que a escola em vez de contribuir para a discussão e apresentação do diverso e diferente, se enreda no único interesse de formar uma sociedade de “acomodados” dispostos a aceitar como mais válidos os modelos e orientações que os políticos lhes propõem. Numa sociedade democrata é importante que a escola seja «“viveiro”, “laboratório” e “fábrica” de pessoas sociais, harmónicas e conscientes, resultantes do “diálogo entre educador e educando”» (ib.: 63).

Actualmente a escola difunde uma pedagogia onde importa mais o que se é do que aquilo que se deve ou pode vir a ser. Preocupando-se com o presente, com o imediatismo, a educação tende a esquecer o valor do passado e o projecto para o futuro.

Querendo satisfazer os alunos e seus pais ilude-se no facilitismo e abdica da disciplina a que todos devem estar sujeitos. Os valores da cidadania implodem facilmente nos interesses dos indivíduos e cada um vive como se fosse rei e senhor daquilo que o circunda. A liberdade cada vez mais se vê transformada em libertinagem por uma ausência pura e simples da responsabilidade, sendo esta olhada com desdém por quem deve velar pelo bom andamento da sociedade. O indivíduo tende a assumir-se como ente de direitos, nunca de deveres. Se algo falha a culpa não é sua, há sempre atenuantes ao seu comportamento e às suas acções.

Outro factor de reflexão que urgia privilegiar no entender de Gonçalves Viana era o acentuado predomínio da figura feminina no professorado. A mulher começava a ocupar o lugar que era tradicionalmente dominado pelos homens: «A diminuição crescente de professores, nas escolas de vários graus, cria também um “vazio” insubstituível, em suma, um problema novo psicossocial: a regressão da influência do *factor masculino* na formação das gerações novas de ambos os sexos, formação esta que, tudo leva a crer, sofrerá com o facto, e, com ela, a própria sociedade» (ib.: 67).

Outro dos problemas que se avizinhava era o «Predomínio desabusado do cientismo e do tecnicismo, com esquecimento ou desprezo da cultura humanística, que deve servir de estrutura àqueles» (ib.: 69). Com o passar do tempo, a cultura humanística foi sendo secundarizada. A sociedade que passou a reger-se pelos princípios utilitaristas e imediatistas vê nas ciências exactas e no conhecimento que elas permitem o melhor suporte para o progresso. Em contraposição, fruto de uma educação deficitária, encara o conhecimento humanístico como um acumular inútil de saber que por não ter aplicação imediata na sociedade, é encarado como supérfluo e desnecessário. A maneira como a sociedade considera e retribui o especialismo de uns e de outros – valorizando o saber científico e desvalorizando o conhecimento humanístico, contribui para o aumento progressivo do fosso entre uns e outros. O que mais vale é aquilo que é mensurável, o efémero e o transitório, impõem-se ao perene e ao transcendental. O homem e o seu bem estar, «medem-se» apenas pela satisfação imediata de todo o tipo de prazer. Quanto mais se tem, mais se tende a ser.

Apesar de todas as revoluções pedagógicas M. Gonçalves Viana concluía que «A educação continua a revelar-se inoperante para criar, entre a generalidade dos escolares, ideias positivas: amor ao estudo e ao saber, cons-

ciência do valor do estudo, etc.. As massas juvenis procuram, em grande parte, a escola sem sinceridade e sem convicção, para obterem um diploma; para conquistarem, com pouco esforço, posições cómodas e altas; para conquistarem prestígio; para, sob a capa do estudo, viverem livremente» (ib.: 74).

As sociedades modernas modificaram a escola para a massificarem sem contudo deixar de manter a sua razão de ser na transmissão e assimilação de determinado saber e cultura. O ensino e a aprendizagem continuam a ser a sua razão de ser, embora a massa que as frequenta não tenha em conta o ensino nem seja capaz de aprender aquilo que a escola, mesmo que sub-repticiamente, continua a exigir. Desta forma a escola presta um mau serviço a todos, aos que não querem aprender por lhes manter a ilusão de que conseguirão alcançar os seus objectivos e aos que desejam adquirir mais conhecimento porque ao reduzir a qualidade do ensino não lhes permite evoluir até onde as suas capacidades e o seu trabalho os poderiam guindar. A massificação igualiza por baixo, pela mediocridade, a população escolar e incentiva sistemas paralelos a proporem uma aprendizagem de excelência que por ser paga só estará ao alcance de alguns, infelizmente, muitos desses, com reduzidas capacidades intelectuais, mas que facilmente, mercê da igualização escolar promovida pelo Estado, suplantam aqueles que tendo qualidades intelectuais, por falta de condições económicas, não têm capacidade de escolha.

O carácter acentuadamente reflexivo do ensaio de Gonçalves Viana fica bem evidente quando refere que «o objectivo final da educação não é o *saber*, mas sim o *ser*» (ib.: 78). E o ser é o composto que resulta do complemento entre os conhecimentos, as habilidades e as atitudes que nos são inculcadas pela educação que forma e transforma o indivíduo para intervir sobre aquilo que o rodeia. O contacto com o passado ajudará a melhor preparar o futuro que só será efectivo quando cada um se encontrar com a sua humanidade que é semelhante à de todos e outros. Nada do que é preocupação humana deve ser posto de parte pelo sistema educativo. A compreensão da existência pressupõe a constante tensão entre o relativo e o absoluto, entre a precariedade e a perenidade. A esta dualidade o indivíduo não parece escapar e a ser assim, a política educativa não poderá ignorar o transcendente para privilegiar o imanente ou construir os seus valores suportados no relativo ignorando o perene. Estes «esquecimentos» mais ou menos consentidos por uma parte significativa dos modernos teóricos da educação, terão profundas consequências no futuro das sociedades que vão moldando.

A educação é de todos e para todos, mas nem todos podem atingir os mesmos objectivos. Esta é a realidade que as democracias querem camuflar. A história diz-nos ser impossível igualizar o desigual, mas teimosamente, a sociedade, quase de forma exclusiva, exige que o sistema educativo consiga tal feito.

A visão filosófica da educação vai para além do espectro organizacional e da finalidade material da mesma. Não cabe à filosofia pronunciar-se sobre parques escolares, direcções de escola, vagas a concurso... Cabe-lhe, sim, desenvolver uma ideia de sociedade e cultura, nos seus aspectos antropológicos, axiológicos e ontológicos. A filosofia que pensa a educação fá-lo centrando-se no homem e não nas estruturas físicas ou interesses materiais de cada época. Pela filosofia a escola aperfeiçoa a cidadania, tradução moderna do civismo clássico, inserindo o indivíduo num todo maior ao qual pertence, a sociedade. Mas, sobretudo, é pela filosofia que a escola aproxima o homem da sua humanidade, tornando-o consciente dos seus limites e responsabilidades, quer em relação aos outros, quer em relação à natureza. De um modo geral, pela filosofia intui-se mais facilmente que um bom profissional, antes de tudo, tem de ser uma excelente pessoa. Como acentua a filosofia que pensa a educação, o saber só se reveste de verdadeiro sentido quando é posto ao «serviço do Bem e da Justiça» (ib.: 85).

4. Acabamos, então, o nosso itinerário filosófico ao longo do ensaio supra-citado. Gonçalves Viana acrescentou-lhe como sub título «Ensaio antro-po-psi-co-sociológico» e poderia ter-lhe acrescentado a dimensão histórica que está bem presente na primeira parte. Não o faz, mesmo que a vertente histórica e filosófica se sobreponham à psicológica e sociológica. É de relevar, ainda, a boa documentação bibliográfica em que suporta as suas ideias e nessas referências, destacar o trabalho produzido sobre o assunto em Portugal e no Brasil.

A sua visão do ensino e da educação recupera os padrões essenciais da educação humanística lembrando que a sua razão de ser é o Homem e como tal, sem se formarem bons indivíduos não poderemos aspirar a ter boas sociedades. Por outro lado, deixa bem vincado que qualquer sistema educativo tem de ser capaz de conciliar a tradição com a inovação, pois nem tudo que é velho é mau, como nem tudo que é novo é excelente. Má é a ignorância e esta só pode ser combatida pelo conhecimento e como este é cumulativo, nem podemos

conhecer o presente nem antecipar o futuro de forma proveitosa se não tivermos um cabal conhecimento das sociedades e das culturas que nos antecederam.

Para Mário Gonçalves Viana o saber para nada servirá se não estiver ao serviço da Humanidade. Os bons profissionais terão, por isso, de ser excelentes pessoas, pois se assim não for, a escola e a educação não estarão a cumprir condignamente as suas obrigações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORREIA, ANTÓNIO CARLOS (2003). «Viana, Mário Gonçalves», em AA VV, *Dicionário de educadores portugueses*. Porto: Asa, pp. 1430-1432.

VIANA, MÁRIO GONÇALVES (1967). *Pedagogia, humanismo e filosofia da educação. Ensaio antro-po-psi-co-sociológico*. Braga: «Escola Remoçada».